

venção pública, desde a fundação da folha *A República – Jornal da Democracia Portuguesa* (1870) às famosas Conferências do Casino.

Ao longo da obra temos acesso a muita informação lateral que contextualiza a vivência do escritor e do seu círculo de amigos. De assinalar as páginas dedicadas à formação política do jovem Antero em Coimbra, onde germina o seu interesse pela república e pelo federalismo americanos, inspirado em Proudhon e Tocqueville. A história literária do «Cenáculo» também é oportunamente convocada: curiosos apontamentos surgem, por exemplo, em torno da fabricação de Fradique Mendes e dos poetas «Satânicos do Norte», apresentados e comentados na imprensa lisboeta justamente quando Antero se encontrava na América. O último capítulo sistematiza a informação recolhida nos escritos do poeta sobre literatura norte-americana. Edgar Poe, Longfellow e Walt Whitman avultam entre os (poucos) autores que receberam a sua atenção: Antero chegou mesmo a traduzir um conto de Poe – *A Entrevista/The Assiguation* (publicado em 1864 no jornal *O Século XIX*) – e a adaptar um poema seu, «To one in Paradise», a que deu o título «Do inglês de Edgar Poe».

Merece finalmente destaque a edição luxuosa do volume, feita com apurado trabalho gráfico e enriquecida com numerosas ilustrações.

Maria Helena Santana

MANUEL RIBEIRO, O ROMANCE DA FÉ
GABRIEL RUI SILVA

Lisboa, Editora Licorne, 2010

304 páginas, ISBN 978-972-8661-51-9

O que foi a vida do escritor, do homem e do cidadão Manuel Ribeiro (1878-1941) encontra-se hoje acessível à história crítica da literatura portuguesa no livro *Manuel Ribeiro, o romance da fé*. Por quê Manuel Ribeiro foi tão conhecido no seu tempo? É sob o signo da aliança entre política e religião que devemos atentar na evolução deste autor, hoje pouquíssimo conhecido, mesmo entre profissionais das letras. Ao equacionar a obra do escritor através de instrumentos da periodização literária, Gabriel Rui Silva empreende uma análise da sua produção numa linha cronológica e evolutiva. Esta opção ajusta-se ao intuito de dar a conhecer a complexidade do pensamento político e religioso de Manuel Ribeiro. Trata-se de um caso frequente em que a vida pessoal se liga à militância cultural e política, social e religiosa. Assim, o facto de ser funcionário, durante muitos anos, nos Caminhos de Ferro Portugueses, permitiu-lhe conviver com o meio operário, envolver-se nas suas causas, estabelecer relações políticas e culturais e aproximar-se da imprensa cultural.

O leitor encontra neste estudo, que originariamente foi uma dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Aberta, em 2009, uma fonte inesgotável de informações sobre todo um período da literatura e da cultura

portuguesas entre a década de oitenta do século XIX e a década de quarenta do século XX. Se esta é uma das virtualidades desse trabalho de grande fôlego, outras se lhe ficam a dever. A destacar a acuidade hermenêutica com que, num estilo *work-in-progress*, Gabriel Rui Silva faculta ao leitor a compreensão de uma época marcada por avanços e recuos ideológicos na esfera social, e, portanto, por um jogo de conflitos e tensões que se fazem presentes na produção literária de Manuel Ribeiro. Estamos perante uma concepção humanista e pedagógica da literatura à maneira de Tolstói, Georges Sorel e Jean-Marie Guyau, autores que marcaram a formação literária de Manuel Ribeiro.

O fito do estudioso não foi o de empreender uma análise pormenorizada de todos os tipos sociais, temas e figuras humanas da obra de Manuel Ribeiro. Aqui o seu trabalho afasta-se do formato da crítica literária tradicional, *tout court*. Acertadamente opta por dilucidar os vetores do pensamento de Manuel Ribeiro e o modo como na sua obra se vai conformando uma escrita de tese, um tipo de literatura em que o que interessava, inicialmente, era sobretudo a transmissão pedagógica de uma mensagem: a necessidade de uma profunda transformação social, firmada numa aliança entre o anarco-sindicalismo (baseado no sistema dos «soviets»), tudo coroado por uma firme visão cristã da vida e o sentido ecuménico da prática social, sem que em algum momento se irmanasse nos

ditames de um «catolicismo político» (p. 221).

Pelo caldeamento dos elementos que estruturam a evolução do escritor, as transformações que foi experienciando levaram-no a aproximações e a afastamentos de compromissos e projetos de índole política, fosse por sua iniciativa, fosse porque as suas posições (manifestadas também em textos de imprensa) deixavam de ser gratas aos agrupamentos a que pertencia.

O processo de investigação levado a cabo por Gabriel Rui Silva permitiu-lhe compulsar exaustivamente a imensa produção do seu autor e praticamente tudo o que se escreveu sobre o mesmo. O resultado é um estudo que se torna a referência mais importante sobre o autor de *Sarça Ardente* (talvez o seu livro mais conhecido ainda hoje). Um trabalho sobre a formação de uma personalidade completa e complexa, do homem, do cidadão, do intervencionista político, do jornalista, do cronista, do crítico literário que colaborou em diversas publicações periódicas, de que se podem destacar *ABC*, revista de grande abrangência temática.

Vejamos os principais elementos estruturais da obra de Manuel Ribeiro. A inscrição da vida do homem de fé e crença religiosa, do militante revolucionário é figurada nos seus romances pela tematização da justiça social, do amor, da liberdade de pensamento e da espiritualidade cristã. A composição dos seus romances e contos denota a projeção da vida de um homem apai-

nado pelas causas sociais do seu tempo e com um grande sentido de responsabilidade na vida da *pólis*.

Da imensa informação estudada por Gabriel Rui Silva, num trabalho de fôlego, deve-se destacar a clarificação de fases do autor, partindo da afirmação de um socialismo «evangélico», em íntima ligação à militância política. Na sua evolução mental, o escritor Manuel Ribeiro teve momentos de descrença nos ideais que desposava, acabando por experimentar uma maior identificação com a matriz de pensamento de cariz religioso e nacionalista, nisso aproximando-se de algum do ideário da Geração de 90, do Integralismo Lusitano e do Estado Novo.

Do período anarco-sindicalista, sobreleva a sua colaboração no jornal *A Batalha*, diário anarco-sindicalista (na coluna intitulada «Linha de Fogo») que nos seus picos máximos chegou a atingir 20.000 exemplares diários. E assim vamos apreciando o envolvimento de Manuel Ribeiro em organizações associativas tão importantes como a Federação Maximalista, que esteve na origem da criação do P.C.P. e da qual o escritor foi secretário-geral (p. 119).

A fama que Manuel Ribeiro conheceu em vida ficou a dever-se também a uma literatura de assimilação fácil, que focava assuntos atuais, ao gosto de um público que também se comprazia com uma ficção de timbre realista. Uma obra atravessada ainda por uma expressiva tonalidade nacionalista, que se compaginava com o ideário da Geração de

90 e que acabou por engrossar o filão do que se convencionou designar de neo-romantismo.

Porque umbilicalmente ligado ao contexto social, político e literário coevo, acabaria por ser o autor mais lido num momento em que as ideias fervilhavam, as posições ideológicas se extremavam. O facto de algumas publicações periódicas albergarem colaborações que se situavam entre a política e a cultura, muito contribuiu para a divulgação de diversos autores, o que foi o caso de Manuel Ribeiro durante os anos 20.

Mas nem sempre o escritor conheceu o sucesso e a fama. Próximo do fim da sua vida, sofrerá as consequências que uma endógena oscilação entre o ardor revolucionário e o ardor religioso lhe trariam no plano político. São inúmeras as pistas que Gabriel Rui Silva deixa para que se interprete as causas do seu afastamento do Partido Comunista Português, ou, de outro modo, não se compreenderia o silêncio em torno de um homem que foi seu fundador, secretário e o principal impulsionador. Com efeito, Manuel Ribeiro expressou essa ambiguidade ao considerar que em política não tinha «opinões tão firmes nem tanta fé como em matéria religiosa» (p.187), declaração que não lhe retira importância em nenhum dos planos em que devotou o seu esforçado trabalho.

Para que se fique com uma ideia do conjunto da obra ficcional de Manuel Ribeiro, destaquemos aspetos relevan-

tes disponibilizados no livro em apreço. Assim, importa referir uma série inicial, voltada para a temática de cariz social. *A Catedral*, de 1920, tematiza, dialogicamente, a ação revolucionária e o monaquismo literário, romance que resultou, em parte, do retiro que lhe permitiu dedicar-se ao estudo da ordem dos beneditinos. A crítica notaria um menor investimento nos «ideaes do syndicalismo revolucionário e demolidor» face ao espaço ocupado pela religiosidade de «inspiração católica» (p. 129). *O deserto* (1922), resultado de uma curta mas intensa estadia no convento Cartuxa de Miraflores, em Burgos, na sua faceta autobiográfica constitui um testemunho das mudanças do modo como até então vira as questões sociais. Este romance é considerado pelo próprio autor como uma espécie de guia espiritual para todos (p. 161). *A Ressurreição*, de 1924, teve a sua primeira edição esgotada em quinze dias, o que é significativo do interesse com que o público seguia o escritor, na expectativa dos rumos que a sua evolução mental pudesse tomar (p. 173 ss). Em *A Colina Sagrada* (1925) versará tema nacionalista «ambientado numa Coimbra de manhãs lavadas do bom ar puro das serras». Para Gabriel Rui Silva este romance «não pode deixar de ser lido como um anúncio dos valores presentes no pronunciamento militar» de Maio de 1926. Justamente na ocasião em que preparava o romance, em entrevista ao *Diário de Notícias*, o escritor expressaria a sua convergência com o ideário do

Integralismo Lusitano pela simpatia a um «retorno ao idealismo, à religiosidade e a novas fontes de emoção espiritual» (p. 179), num nítido afastamento do ardor revolucionário que antes o animava e que lhe valeria o repúdio dos comunistas que o declarariam como um traidor e entenderiam os seus escritos passados, nos quais cantou a revolução russa, como um produto da «emoção de artista».

A partir deste romance, o autor patenteará o afastamento da literatura de intuito social para realizar uma trilogia nacional e deixar cada vez mais claro a sua opção pela mística espiritual e pelas preocupações religiosas. Um crítico citado por Gabriel Rui Silva resumiu a sua orientação nos seguintes termos: «A Igreja ganhou um crente; a Ideia moderna dos povos perdeu um soldado» (p. 180). E desta feição ganhavam maior força posições de matriz católica, em nome de uma apreçoada «renascença do Espírito» (p.182) e a correspondente desilusão com a racionalidade científica.

A Planície Heróica (1927), romance regionalista também integrado na trilogia nacional, é considerado por Gabriel Rui Silva como «um dos mais altos, senão o mais alto momento da arte narrativa de Manuel Ribeiro» (pp. 196-197). Manuel Ribeiro também escreveu contos de temática amorosa e religiosa, como «A Madona do Convento» (publicado em 1923), em cujo entretencimento narrativo opera o maravilhoso cristão. Numa outra direção,

refira-se «Poder Redentor» (1921), com uma intriga à volta da luta de classes «expressa no motivo da posse da terra» (p. 157). *Sarça Ardente*, romance postumamente publicado (1942), declina temas de eleição de Manuel Ribeiro, como o amor e a fé.

Não sendo este o espaço para uma menção a outros títulos, fiquemos com um testemunho de Jacinto do Prado Coelho, que, num texto datado de 1940, relevou em Manuel Ribeiro as qualidades literárias de «um homem de fé», «um colorista, um paisagista cujo são lirismo nos encanta», considerando-o um «romancista *sui-generis*» que «marcou bem definido lugar na literatura portuguesa» (p. 234).

Representando a ficção o centro do labor deste escritor, também o ensaio ocupou a sua atenção. Além de outros, de carácter historiográfico, refiram-se os seguintes: *Novos Horizontes. Democracia Cristã* (1930), texto filosófico no qual «exalta a aliança entre facções católicas, socialistas e de republicanos radicais, sendo que esses últimos manifestavam então em Portugal um vivo apreço pela URSS e pelos triunfos da revolução socialista, ocorrendo mesmo situações de uma dupla filiação na Maçonaria e no PCP (...)» (p. 214). No domínio ensaístico, Manuel Ribeiro notabilizou-se também com o ensaio *Vida e Morte de Madre Mariana Alcoforado* (1940), autor que foi de um prefácio às suas *Cartas d' Amor*, editadas em 1913 pela Editora Guimarães (p. 235).

A perspectiva de Gabriel Rui Silva é compreensiva na análise que empreende dos planos teórico-doutrinário e literário do seu autor, num contexto mais alargado, para o que convoca em abono da sua tese ainda o caso da Geração de 70, cujas doutrinas revolucionárias expressas em diversos momentos (dos quais as Conferências do Casino foi o mais alto) não teriam passado do plano das intenções. E exemplifica esse movimento ideológico pendular com o caso de Eça de Queirós, considerando-o «o mais perverso membro da Geração de 70», e relevando ao mesmo tempo, o seu uso da ironia, enquanto figura da retórica clássica que de algum modo «prefigura a perversão» (p. 21).

Numa importante síntese desse movimento e desse longo período histórico, afirma: «o que pretendemos salientar é o facto de uma geração nascer socialista e utópica, de predispor uma modificação na ideologia política e na sociedade portuguesa através da força galvanizadora da Arte e da Ideia e assim ir preparando condições para o advento da república, para terminar manifestamente monárquica, uma geração positivista e anticlerical que surge, por fim, católica» (p. 20). Ora justamente o próprio Manuel Ribeiro não deixou de assumir a natureza cristã das suas preocupações voltadas para o plano da militância social: «De resto, o meu socialismo foi sempre um reflexo do Evangelho em que a pureza do Cristianismo se revela em todas as minúcias da vida da Humanidade» (p. 156).

A compreensão dessa época fica necessariamente mais alargada porque o autor conseguiu tecer relações explicativas entre posturas de homens das letras que consagraram uma importante parte das suas vidas à intervenção de cariz social, a despeito das suas coerências, das suas filiações, do real valor prestado às causas a que se devotaram.

De tudo o que fica assinalado importa ainda sublinhar a importância da estratégia de análise que o autor adotou. Assume particular interesse nesse destrinçar de ligações a chamada de atenção para um conjunto de razões que estão na base de opções ideológicas, que se vão repercutir na obra literária dos escritores, em consonância com as suas simpatias ou filiações político-partidárias.

Assim, o Ultimato, de 1890, data em que Manuel Ribeiro completava 11 anos, pelo seu significado de grande humilhação para o país — que já não conseguia levar adiante as promessas da regeneração, desejadas por todos os escritores comprometidos com a causa social do país no século XIX — fará com que, de acordo com as formações ideológicas, alguns comecem a desposar uma atitude passadista e outros vejam na ideia da República a salvação do país.

No final da vida, os seus correligionários dividiam-se: os próximos do Partido Comunista Português, dele se afastavam; enquanto políticos e escritores de extração católica apreciavam a

sua conversão. É significativo o elogio em verso que lhe endereçou um padre, no jornal *Diário do Minho*, num enaltecimento comovido pelo seu arrependimento e conversão espiritual: «Agora, em Portugal, é Manuel Ribeiro/ Que eleva ambas as mãos, em direcção aos ceus (...) // Que o seu exemplo vivo, esplendoroso faça / Erguer do tremendo da negação escura / O espírito da Grei, e o coração da Raça, / Para que banhe a Pátria a luz mais alta e pura» (p. 195).

Apoiando-se no testemunho de um correligionário (publicado em *Itinerário*, em 1942), Gabriel Rui Silva destaca aspetos que legitimam o estudo do seu autor, nos seguintes termos: «Manuel Ribeiro, fundador de *A Batalha*, da Federação Maximalista Portuguesa e do Partido Comunista Português, o escritor que fora *entre todos os intelectuais militantes de ideias avançadas, o mais ardente revolucionário e o mais intransigente*, nas palavras que, após a sua morte, o antigo dirigente do P.C.P. Alexandre Sobral de Campos utilizou para o caracterizar, o escritor mais lido em Portugal nos anos vinte do passado século, com obra traduzida no estrangeiro e cuja alma de monge o levava à Cartuxa de Miraflores e à elaboração de uma obra de forte intensidade católica, morria pobre de bens materiais e deixava à posteridade a extraordinária riqueza de um trabalho literário só possível de realizar pela grave unção que estigmatiza os mais autênticos escritores» (p. 241).

Em suma, *Manuel Ribeiro, o romance da fé* ficará como um incontornável estudo para se conhecer — de um modo que já vai sendo raros nos estudos literários — a obra de um autor situada no tempo em que foi produzida. O ensaio agora vindo a público é um contributo de grande envergadura para a história da literatura portuguesa, na justa medida em que oferece ao leitor a compreensão da movência de um tempo, em íntima ligação com a *praxis* literária.

Cristina Mello

DE EÇA A JORGE DE SENA

ANTÓNIO CIRURGIÃO

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009

260 páginas, ISBN 978-972-27-1543-0

Tendo feito, como Jorge de Sena, toda a sua carreira académica no estrangeiro (Estados Unidos da América), António Cirurgião é talvez menos conhecido em Portugal do que a sua obra ensaística merecia. A sua condição de *scholar* num país onde os estudos portugueses não têm uma grande visibilidade explica que não tenha fixado a sua atenção, ao contrário do que muitas vezes sucede no nosso país, num autor ou numa época muito circunscritos, mas que tenha dedicado ensaios a autores tão distintos como Fernando Pessoa ou Fernão Álvares do Oriente. No caso presente, o título do livro denuncia, desde logo, a ausência de uma coerência

orgânica idêntica à das obras que dedicou a esses autores ou ainda a Camões, por exemplo (as suas *Leituras Alegóricas de Camões* foram publicadas em 1999).

Como já deve ter deduzido o leitor que desconheça a obra que recenseamos, Eça de Queirós e Jorge de Sena representam os pontos extremos de um itinerário, não rigorosamente cronológico, de comunicações e artigos publicitados por António Cirurgião ao longo de um determinado período da sua vida docente, e aqui reunidos. Esclarece-se no «Antelóquio» que o primeiro dos textos desta coletânea data de 1969, sendo o último de 1992. É claro que 1992 é uma data já bastante recuada relativamente ao ano de publicação, mas o que é verdadeiramente estranho é que também o «Antelóquio» date de 1992 (15 de Agosto) e que o livro mais recente registado na bibliografia seja de 1990 (precisamente *O «Olhar Esfíngico» da Mensagem de Fernando Pessoa*, do próprio Cirurgião). Algum percalço inesperado, portanto, terá ocorrido na história desta edição, que explicará o desajuste entre a data de conclusão do livro por parte do autor e o momento em que é dado a lume.

Não é isso, evidentemente, que retira pertinência ou mesmo atualidade ao volume (que merece ser lido com a mesma atenção com que seria em 1992 ou 93), mas também não é despidendo saber que no decurso dos anos passados entre a conclusão e a publicação do livro faleceram Miguel Torga e José Cardoso Pires, que eram os únicos escritores vivos dos sete autores ali estudados. E,